



**“Questão de Gênero:
O Conceito da Ideologia e Suas Consequências”**

Douglas Roberto de Almeida Baptista

Recibido, Set. 01, 2022

Aceptado, Set. 16,



2022

Cómo citar este artículo:

Douglas Roberto de Almeida Baptista. *Questão de Gênero: O Conceito da Ideologia e Suas Consequências*. Hojas de Vida. 2021;2(1):32-38.

Resumen

Describimos la meta hacia una educación de excelencia para servir, evangelizar y atender a una sociedad demandante de mayores competencias.

Palabras clave. Educación, Siervos

Introdução

As Ciências Sociais ensinam que as desigualdades sociais entre os sexos são o resultado de relações históricas de opressão e preconceito. A este entendimento dá-se o nome de “questão de gênero”. Essa concepção não reconhece que as características físicas e biológicas de alguém devam ser usadas como parâmetro comportamental. Nessa perspectiva, refutam a ideia de que o “sexo masculino” deva se comportar como menino e de que o “sexo feminino” deva se comportar como menina. Alegam que o comportamento social esperado de homens e mulheres é estabelecido pela cultura e não pelas questões físicas e biológicas.

Ideologia

O filósofo inglês John Lock (1632-1704) defendeu que a mente humana, no instante do nascimento, é como uma tábula rasa, um papel em branco, sem nenhuma ideia previamente escrita. Com este argumento Lock reforçava a tese empirista¹ de que nada existe em nossa mente que não tenha sua origem nos sentidos. Ele também concebeu a ideia de “Estado Liberal”, segundo a qual o Estado deve regular as relações entre os homens e atuar como juiz nos conflitos sociais. Influenciado pelas ideias de Lock o filósofo francês Destutt de Tracy (1758- 1836) desenvolveu o conceito de “ideologia”.

(*) Líder da Assembleia de Deus de Missão do Distrito Federal e do Conselho de Educação da CGADB. Graduado em teologia, filosofia e pedagogia. Especialista em Bibliologia e Docência do Ensino Superior, Mestre em Teologia e em Ciências das Religiões e Doutor em Teologia. Comentarista das Lições Bíblicas de Adultos da CPAD e colunista do portal CPADNews.

¹Defende a ideia de que, em última análise, a origem fundamental do conhecimento está na experiência sensível.

A palavra é composta pelos vocábulos gregos “eidos” que indica “ideia” e “logos” com o sentido de “estudo” e “raciocínio”. De modo singular significa “o conhecimento sobre as ideias”. Em seu aspecto positivo, ideologia significa qualquer conjunto de ideias que se propõe a orientar o comportamento, a maneira de pensar e de agir das pessoas, seja individualmente ou em sociedade. Em um sentido amplo, a ideologia se apresenta como **aquilo que seria ou é ideal** para um determinado grupo.

Ideologia e o Marxismo

O conceito foi amplamente usado pelos alemães Karl Marx e Friedrich Engels autores do *Manifesto Comunista* (1848). Nos escritos de Marx o estudo das ideias produzidas em uma sociedade aparece como uma problematização da noção de consciência. Em sua análise a propagação de ideias por parte de quem detém o poder econômico produz uma “falsa consciência” que leva a aceitação de padrões de comportamento que são impostos ao cidadão. Assim, a ideologia deixa de ser apenas “o conhecimento das ideias” e passa a ser um “instrumento” que serve para assegurar o domínio de uma classe ou grupo social que impõe aos outros os seus ideais de comportamento (SILVA, 2013, p. 67-68).

Ideologia e o Gramscismo

Em contrapartida o filósofo e político italiano Antônio Gramsci (1891-1937) reinterpretou as teorias de Marx. Enquanto Marx aprofundou seus estudos no campo da economia em sua crítica ao modo de produção capitalista e a consequente luta de classes, Gramsci deu especial atenção às ideias e a cultura como campo estratégico de lutas. Na sua visão o processo de dominação não é imposto pelas armas e sim por meio do poder de convencimento e a imposição da ideologia de uma classe ou grupo social sobre os outros. Para Gramsci existe na sociedade uma busca por “hegemonia”, isto é, a direção moral e política de uma classe sobre as outras quer tenha ou não tomado o poder. A busca desta dominação pode ser utilizada também como um projeto de busca pelo poder.

Ideologia e o “homem coletivo”

Na busca desta hegemonia, Gramsci recomenda a reforma intelectual e moral da sociedade por meio de pessoas influentes como políticos, músicos, artistas, famosos, jornalistas e outros que possam manipular a opinião pública por todos os meios de comunicação sociais disponíveis. Mediante estas ações é possível modificar o senso comum do “certo” e do “errado”. Com o uso intenso da mídia, das artes da literatura, das escolas, universidades e por via de palavras de ordem e a massificação de uma “nova cultura” cria-se o “homem coletivo” que passivamente assimila a “filosofia nova” e passa a pensar como todo mundo. A partir daí quem ousar discordar do “senso comum modificado” sofrerá o patrulhamento ideológico.

O feminismo e a ideologia

O marxismo exerceu forte influência no feminismo, especialmente o livro “A Origem da família, a propriedade privada e o Estado” (1884) onde a família patriarcal é tratada como sistema opressor do homem para com a mulher. Desse modo a ideia central do conceito de gênero nasceu com a feminista e marxista Simone de Beauvoir autora da obra “*O Segundo Sexo*” (1949) onde é afirmado que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Assim, do contexto social marxista que deu origem a “luta de classes” surgiu na pós-modernidade a ideologia culturalista como sendo “luta de gêneros”, ou seja, uma fantasiosa “luta de classes entre homens e mulheres”. Atualmente a filósofa norte-americana Judith Butler (1956), militante LGBT se apresenta como uma das maiores defensoras do feminismo e da teoria “queer”. Autora da obra “*Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*”, lançado em 1990, Butler afirma que o gênero é socialmente construído.

O patrulhamento ideológico

O patrulhamento ideológico tem como objetivo desqualificar quem faz oposição e pensa diferente. O propósito é desprestigiar quem se manifesta contrário à ideologia. As pessoas que oferecem resistência são estigmatizadas e acusadas com termos pejorativos tais como “fundamentalista”, “homofóbico”, “preconceituoso”, “machista”, “racista” e “reacionário” dentre outros. Desse modo são construídas muralhas invisíveis que amordaçam o cidadão temeroso da censura. Assim a liberdade de expressão é controlada pelas grades do “politicamente correto”.

Ideologia e identidade de Gênero

A palavra “gênero” tem origem no grego “genos” e significa “raça”. Na concepção da Lógica o termo indica “espécie”. Usualmente deveria indicar o “masculino” e o “feminino”. Nesse sentido a expressão é inofensiva, porém na sociedade pós-moderna tal significado é desvirtuado em “ideologia de gênero”. Essa ideologia também é conhecida como “ausência de sexo”. Esse conceito ignora a natureza e os fatos biológicos e alega que o ser humano nasce sexualmente neutro. Afirmam que os gêneros — masculino e feminino — são construções culturais impostas pela sociedade.

Gênero, sexo e sexualidade

Os adeptos desta ideologia fazem questão de diferenciar sexo, sexualidade e gênero criando conceitos permeados de relativismo. Afirmam que a sexualidade e o gênero não dependem e nem podem ser ou estar relacionados com o sexo. Porém, na biologia o sexo está relacionado às formas do corpo humano e aos órgãos genitais. Assim sendo os seres humanos nascem pertencendo ao sexo masculino ou ao sexo feminino. Esse conceito ratifica a criação divina revelada nas Escrituras “*E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou*” (Gn 1.27). O homem é designado como macho e a mulher como fêmea.

Quanto à sexualidade a ideologia ensina que a orientação do desejo sexual não é determinada pela constituição anatômica do corpo humano. Neste caso, consideram que a atração pelo sexo oposto corresponde a determinados estereótipos e papéis sociais previamente estabelecidos pelo contexto histórico, político e cultural da sociedade.

Ideologia de gênero e as Escrituras

Em contraste a esta ideologia, as Escrituras asseveram que o Criador, ao formar o homem e a mulher, declarou solenemente: “*deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne*” (Gn 2.24). Portanto, biblicamente o gênero, a orientação e o desejo sexual estão direta e intrinsecamente relacionados às características físicas (sexo masculino e feminino) do ser humano e não com o construto cultural da sociedade.

Ainda quanto à sexualidade, a Bíblia a registra que Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança (Gn 1.16) o macho e a fêmea (gn 1.27), demonstrando a sua conformação heterossexual. A diferenciação dos sexos visa à complementaridade mútua na união conjugal: “*nem o varão é sem a mulher, nem a mulher, sem o varão*” (1Co 11.11). Em consequência, o cristianismo rejeita o comportamento da homossexualidade por ser uma prática condenada por Deus: “*Com varão não te deitarás, como se fosse mulher: abominação é*” (Lv 18.22).

Sob estes aspectos a ideologia de gênero surge para contradizer os conceitos bíblicos presentes na cultura judaico-cristã. O propósito desta ideologia na área da moralidade é desassociar o sexo da sexualidade. Como já vimos, ideologia é um conjunto de ideias e valores que um determinado grupo social se propõe impor sobre outro grupo. Com esta ideia fixa desenvolveu-se o conceito de “identidade de gênero”. Essa posição não aceita o sexo biológico (masculino e feminino) como fator determinante da sexualidade. Ensinam que os indivíduos desenvolvem sua “identidade de gênero” durante o processo de socialização com a cultura

na qual estão inseridos. Sob este aspecto alguém pode ser biologicamente homem e desenvolver comportamento típico de mulher e vice-versa.

A ideologia e o papel da mídia

Como acontece com toda a ideologia, a identidade de gênero vem sendo amplamente divulgada pela grande mídia em busca da construção do “homemcoletivo”. Na tentativa de desqualificar seus oponentes imprime-se, por exemplo, a ideia que o relacionamento afetivo entre pessoas de mesmo sexo é objeto de discriminação e preconceito homofóbico. Deste modo instituiu-se a denominada “mordaca gay” onde por meio do “patrulhamento ideológico” cidadãos de bem convivem com o cerceamento de sua liberdade de expressão, nada podendo dizer em contrário a ideologia de gênero sob pena de ser considerado preconceituoso.

Consequências da Ideologia de Gênero

A ideologia ensina que os papéis dos homens e das mulheres foram socialmente construídos e que tais padrões devem ser desconstruídos. A ideia é de que o *desaparecimento dos papéis ligado ao sexo* provoque *um efeito dramático sobre a família*. Desse modo, a identidade de gênero e a orientação sexual passam a ser moldadas ao longo da vida, por exemplo, a criança passa a decidir depois de crescida se quer ser menino ou menina. Homens e mulheres podem casar com pessoas do mesmo sexo, tudo é relativizado e permitido. Estes e outros males são resultados da depravação humana e sinais da iminente volta de Cristo (2Tm 3.1-5).

Quando se adota a ideologia de gênero como parâmetro ou medida, os valores e os conceitos tornam-se relativos. Caso fosse verdadeiro que o ser humano tenha capacidade para “autoconstruir” seu próprio gênero “ninguém poderia afirmar que algum modo de relações entre os sexos – ou, se preferir, entre os gêneros – possa ser bom ou natural e outro mau ou antinatural” (SCALA, 2011, p. 65). Assim, instala-se o relativismo e a resultante inversão/alteração de valores (Is 5.20).

A partir dessa inversão/alteração de valores, não se poderá restringir a liberdade sexual de ninguém. A começar pelo postulado básico da “identidade de gênero” de que não existe uma identidade biológica em relação à sexualidade e que todas as relações sexuais são apenas o construto da sociedade, então toda a relação sexual consentida será considerada moralmente boa e, portanto lícita e aceitável, não sendo passível de crítica ou condenação por parte da sociedade e das autoridades públicas. Em vista disso serão desconstruídas as relações familiares, a reprodução, a educação, a religião, a sexualidade, dentre outros. Práticas que hoje são moralmente condenadas passarão a ser consideradas igualmente lícitas tanto do ponto de vista moral, legal e jurídico. Depravações como zoofilia (sexo do homem com animais); necrofilia (atividade sexual com cadáver) e até a pedofilia (sexo de adulto com criança) serão toleradas como resultado da aceitação da “ideologia de gênero”.

A ideologia de gênero e o abuso da arte

Aqueles que enxergam exagero neste posicionamento desconsideram os fatos e ignoram a descarada e agressiva propagação desta ideologia em nosso país e no mundo. Por exemplo, a “*Exposição Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*” idealizada pelo Banco Santander em Porto Alegre, RS (setembro/2017) provocou uma série de acalorados debates. Em nome da arte a exposição reuniu 270 trabalhos de 85 artistas que abordavam a temática LGBT, questões de gênero e diversidade cultural. Parte destes trabalhos afrontavam símbolos religiosos cristãos e faziam apologia à zoofilia, pedofilia, sexo grupal e defesa do homossexualismo. Tudo isto financiado com isenção fiscal, cerca de 800 mil reais, captados por meio da Lei Rouanet – de incentivo à Cultura. Após inúmeros protestos nas redes sociais a exposição foi cancelada. Ato contínuo, os defensores da ideologia deram início ao “patrulhamento ideológico” ao estilo proposto por Gramsci desqualificando seus opositores com variados termos pejorativos.

A ideologia de gênero e o banheiro público

Outra consequência já presente na sociedade é o direito do uso do banheiro de acordo com a identidade de gênero e orientação sexual. Apenas para citar um caso, o Estado de São Paulo, aprovou em 05 de novembro 2001, a Lei Nº 10.948 de autoria do deputado Renato Simões (PT), que autoriza o uso indiscriminado dos banheiros públicos por parte de homossexuais, bissexuais ou transgêneros. A citada Lei cria constrangimento, sacrifica a segurança e a privacidade de pessoas heterossexuais em nome do “politicamente correto”. Amparado na legislação em vigor, um homem ao alegar conflito de gênero, pode entrar no banheiro feminino e despir-se diante das mulheres sem que esse ato seja considerado um crime sexual.

A ideologia de gênero e a educação

Ativistas labutam para implantar a “ideologia de gênero” nas escolas por meio

de material didático e uma nova pedagogia voltada para a desconstrução sexual e o doutrinamento das crianças e alunos em geral. No Brasil, em 2014, durante a tramitação no Congresso Nacional do PNE (Plano Nacional de Educação), que dita às diretrizes e metas da educação para os próximos dez anos, após diversas pressões de parlamentares cristãos, a ideologia de gênero foi retirada do texto.

Em 2015, quando chegou à vez de serem votados os PEE (Planos Estaduais de Educação) e também os PME (Planos Municipais de Educação) o Ministério da Educação (MEC) tentou furtivamente impor a ideologia aos Estados e Municípios desrespeitando o Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado pelo Congresso Nacional que rejeitara a ideologia de gênero por meio da Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014. A trapaça se deu meses depois do PNE já aprovado. Por meio do Fórum Nacional de Educação (FNE), organizador da Conferência Nacional de Educação (CONAE), realizada de 19 a 23 de novembro de 2014 em Brasília, o MEC disponibilizou o documento final da CONAE/2014 para os Estados e Municípios definindo a ideologia de gênero como diretriz educativa (fne.mec.gov.br). Indignados com esta artimanha, no primeiro semestre de 2015, a população se mobilizou e foram as ruas e as Câmaras Legislativas protestar, como resultado em quase todos os 6.000 municípios brasileiros a ideologia foi novamente rejeitada.

No entanto, os ativistas da ideologia de gênero não se deram por vencidos. Uma nova manobra foi arquitetada para impor a ideologia nas escolas. Com o aparelhamento do Estado e com a anuência do Ministério da Educação (MEC) os ativistas introduziram a ideologia de gênero na “Base Nacional Comum Curricular” (BNCC) que passou a ser elaborada a partir do segundo semestre de 2015. Este documento é quem vai definir e padronizar os "objetivos de aprendizagem" a serem inseridos no projeto pedagógico da escola e o currículo das aulas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

O documento foi apresentado à imprensa no dia 4 abril de 2017 (terça-feira) contendo as expressões “ideologia de gênero” e “orientação sexual” como sendo objetivos de aprendizagem aos alunos. Após a divulgação do conteúdo e a sua consequente rejeição pela população atenta aos prejuízos desta nefasta ideologia, a imprensa noticiou que o MEC tinha recuado e que os trechos da BNCC que tratavam da questão tinham sido retirados. Tratava-se de outra estratégia para arrefecer os ânimos dos brasileiros a não fazerem oposição. Após diversos debates o Ministério da Educação retirou a ideologia de gênero na Base Nacional Comum Curricular. A Base Nacional, por enquanto se limita ao ensino infantil e fundamental.

Os desdobramentos recentes

A chamada “Agenda Progressista” que busca desconstruir os valores judaico- cristãos por meio do aparelhamento do Estado vem sendo observada pelo Ministério da Educação (MEC). Em 17/01/2018 o Ministro da Educação por meio de uma Portaria autorizou o uso do

nome social de travestis e transexuais nos registros escolares da educação básica. Isto é, meninos e meninas alegando questão de gênero poderão requerer matrícula e boletim escolar com o nome diferente de seu gênero.

Na mesma direção, em 01/03/2018, o STF autorizou a mudança de nome de transexuais e transgêneros no registro civil, sem necessidade de cirurgia, autorização judicial, laudo médico ou psicológico e nem mesmo a exigência de idade mínima. Na prática, qualquer pessoa (adulto ou criança) poderá ir ao cartório de sua cidade alegar “questão de gênero” e trocar o nome civil por um nome social. Isto é, pessoas do sexo masculino poderão trocar seu nome de homem para um nome de mulher e vice-versa.

Estas decisões assinalam apologia a “ideologia de gênero” que aliada ao “relativismo cultural” tenta por todos os meios inverter os valores judaico-cristãos. Seguindo de perto a cartilha do filósofo e político italiano Antônio Gramsci (1891- 1937), o Supremo e o MEC lançam bases para modificar o senso comum e reformar intelectual e moralmente nossa sociedade. Em oração, vigilância e ação, aguardaremos os próximos desdobramentos

A ideologia e perigo em relativizar a verdade

Na época do profeta Isaías, a ordem social, o estado moral, ético e espiritual do povo de Judá era lamentável. O mal era caracterizado pela inversão dos valores. O profeta fora enviado a uma nação que se recusava ouvir a palavra de Deus (Is 1.2-6, 10-17, 6.9-13). Neste cenário de podridão moral e espiritual, Deus levantou uma atalaia para profetizar contra a nação. Dentre as reprimendas, o profeta vaticinou “seis ais” que confrontavam o comportamento inadequado daquele povo. O primeiro “ai” era contra o materialismo desenfreado e o enriquecimento ilícito (Is 5.8-10). O segundo “ai” condenava a bebedeira e a embriaguez que conduzia a ociosidade (Is 5.11-12). O terceiro “ai” repreendia os que zombavam da verdade e duvidavam do juízo divino apostando no ceticismo (Is 5.18-19). O quarto “ai” era um alerta acerca da perversão dos valores. Tratava-se de uma dura advertência acerca do extremo perigo do relativismo cultural (Is 5.20). O quinto “ai” era uma condenação aos presunçosos que se julgavam sábios e únicos donos da verdade (Is 5.21). E, o sexto e último “ai” repreendia a corrupção, o suborno e a perversão do direito (Is 5.22-23). Essas atitudes reprováveis e imorais causaram a derrocada da nação (Is 5.24-25).

Considerações Finais

Em nosso tempo não é diferente, a sociedade está em estágio de putrefação moral e ética, pois a verdade vem sendo modificada por intensa manipulação do pensamento. Homens inescrupulosos afrontam a verdade de Deus e a sua palavra promovendo ideologias contrárias a revelação divina. O relativismo cultural aliado à ideologia secularista impõe ao cidadão aquilo que deve ser considerado como ideal. Acuada a sociedade temerosa do “patrulhamento ideológico” não esboça reação e o mal vem sendo aceito e tolerado. A cultura pós-moderna do relativismo tem invadido, inclusive setores da Igreja que se diz cristã. O farisaísmo - como dissimulação da verdade - tem adentrado em nosso meio. A reprimenda de Cristo os classificando como “condutores cegos! que coam um mosquito e engolem um camelo” (Mt 23.24) vem sendo ignorada por uma parcela considerável da Igreja e de sua liderança. Contudo, as Escrituras são categóricas em revelar que não haverá escape para os transgressores. Aos que relativizam a verdade, a Palavra de Deus vaticina: “não será tardia a sentença, e a sua perdição não dormita” (2Pe 2.1-3). A igreja não pode fechar os olhos para a inversão dos valores. Mercê de tais fatos, os cristãos precisam esboçar reação e “batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Jd 1.3).

Referências Bibliográficas

- ARMÍNIO, Jacó. *As Obras de Armínio*. Vol. 1 a 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - Simone de Beauvoir*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHAUÍ, Marilena. *Filosofia e Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 2007.
COUTINHO, Sergio. *Cenas da Nova Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Biblex, 2010.
ENGELS, Frederich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Riode Janeiro: BestBolso, 2014.
LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas: o programa da reforma escritos de 1520*. Vol. 2. São Leopoldo e Porto Alegre: Editora Sinodal e Editora Concórdia, 2010.
PALLISTER, Alan. *Ética Cristã Hoje*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
SCALA, Jorge. *Ideologia de Gênero: o neototalitarismo e a morte da família*. São Paulo: Editora Katechesis, 2011.
SILVA, Afrânio e.tal. *Sociologia em Movimento*. São Paulo: Editora Moderna, 2013.
SOARES, Esequias (Org). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

Douglas Roberto de Almeida Baptista
Presidente de la Sociedad Brasileira de
Teología Evangélica.
Pastor de Las Asambleas de Dios en Goias-
Brasil

Publicado bajo licencia Creative Commons: Atribución 4.0 International(CC BY 4.0)